

**INTELECTUAIS E CULTURA NA REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE
ENTRE OS ANOS DE 1961 E 1976**

Ana Lorym Soares
Mestrado / PUC-Rio
analorym@gmail.com

INTRODUÇÃO

As revistas, sobretudo as institucionais, segundo os historiadores Jean-François Sirinelli e Ana Luíza Martins, podem ser entendidas como suportes preciosos de comunicação e de análise do movimento de idéias, apresentando-se, também, como meios privilegiados de sociabilidade intelectual. Ao mesmo tempo, a sua abordagem evidencia o alargamento da noção de documento, ao utilizarmos as revistas como documentos e objetos de estudo, simultaneamente.

Por essa via de entendimento, busca-se compreender a atuação e a produção intelectual dos folcloristas ligados ao *movimento folclórico brasileiro*,¹ formado pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Comissão Nacional e Comissões Estaduais de Folclore, através de sua revista institucional: a Revista Brasileira de Folclore - RBF que circulou entre os anos de 1961 e 1976. Assim, a RBF está sendo analisada, neste texto, pela dupla dimensão proposta: enquanto movimento de idéias – criação, divulgação, contestação e reformulação -, ou seja, toda a mobilização em torno das interpretações presentes nas páginas da revista; ao mesmo tempo em que está sendo compreendida enquanto espaço de sociabilidade intelectual – pois ao visualizar sua trama de sociabilidades, identifica-se na revista um local onde se entrelaçam sensibilidades, afetividades e idéias comuns, bem como, hostilidades, rivalidades e hierarquizações, dimensões plausíveis quando se trata de convivência entre um grupo de intelectuais, sobretudo se ele tem a extensão do grupo de intelectuais enredados pela RBF.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

CULTURA EM REVISTA

A RBF foi criada durante a gestão do folclorista Edison Carneiro na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro - CDFB para ser o seu veículo oficial de elaboração de idéias e divulgação de propostas e ações. Era uma revista quadrimestral, excetuando-se os números 8, 9 e 10 que foram editados juntos em um só volume no ano de 1964, interrupção esta, ligada ao afastamento de Edison Carneiro da direção da CDFB - devido às circunstâncias impostas pelo Golpe Militar, devido a seu envolvimento com o com organizações comunistas. O primeiro exemplar saiu no último quadrimestre de 1961 e o último no segundo quadrimestre de 1976. Ao todo foram lançadas 41 revistas durante os 15 anos de sua circulação, interrompidos mais uma vez, no ano de 1975 - provavelmente pelo desarranjo institucional causado com a reestruturação do campo da cultura no Brasil, que enquadraria a CDFB entre as instituições coordenadas pela recém-fundada FUNARTE -, só voltando em maio de 1976, para encerrar a série.

A revista era composta pelas seguintes seções: Artigos, Noticiário, Bibliografia, Revistas e Periódicos e Documentário. Em alguns casos, trouxe em espaços que não eram fixos, apresentações e elementos diversos como fotografias, textos de homenagens e notícias que consideravam de maior relevância. Nela publicaram autores de méritos intelectuais, afinidades teóricas e origens variadas, pertencentes ao movimento folclórico ou não, o que revela o caráter abrangente do periódico, que mesmo tendo um direcionamento específico, abriu suas páginas para variadas contribuições.

Na apresentação do primeiro exemplar da RBF, Edison Carneiro, folclorista baiano que fez carreira no Rio de Janeiro, e segundo diretor executivo da CDFB, registra seu entusiasmo com a criação de uma revista que serviria como veículo, em nível nacional, das idéias e projetos elaborados sob a batuta da Campanha:

Todo movimento cultural tem os seus próprios órgãos de expressão. Ao movimento folclórico brasileiro não faltaram publicações, de variada periodicidade (...) Faltava, porém, uma revista de caráter nacional, posição

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

que esta agora corajosamente assume. E isto pela inexistência, não tanto de quem a patrocinasse financeiramente, mas de um organismo que assegurasse a sua continuidade com o material resultante dos trabalhos que viesse a promover e a estimular (...). As páginas desta revista serão um espelho do nosso entendimento crescente da realidade da vida popular brasileira (CARNEIRO, 1961, p. 3).

Neste trecho, Carneiro expõe a visão do grupo por ele representado com relação à criação da RBF. O primeiro aspecto assinalado é o fato de ser um veículo de expressão de um movimento cultural, em seguida, aponta o caráter nacional assumido pelo periódico. Ao ser identificada como porta-voz de um movimento cultural, a RBF se constitui em um espaço de criação de grupo e de afirmação coletiva em torno de um princípio comum que nortearia a leitura da realidade da “vida popular brasileira”. Por este motivo, a RBF produziu e disponibilizou para seu público leitor, visto como colaborador efetivo ou em potencial, uma série de artigos, documentos e bibliografias comentadas, no intuito de instrumentalizar aqueles que se aventurassem nas lides folclóricas, mantendo um padrão mínimo com relação à forma de abordar e interpretar o objeto de estudo.

A análise dos artigos demonstra, no entanto, uma variedade na forma de abordar o temário da revista, expresso tanto na multiplicidade de assuntos tratados, quanto em termos de origem geográfica de seus autores, sempre bastante diversificados, reafirmando a pretensão de uma revista de alcance nacional, tanto em sua circulação quanto em relação ao conteúdo abordado. A composição temática da RBF também é diversificada, contendo desde textos relacionados a Folguedos e Festas populares, até Biografias e Homenagens, Música e Folclore Material.

A temática Folguedos e Festas perfaz o maior volume de ocorrências com 37 artigos. Dentro desta categoria, estão trabalhos sobre autos populares, danças dramáticas e festas de diferentes naturezas, sempre relacionados ao folclore. O número expressivo sobre esse tema demonstra uma predileção por parte do grupo de folcloristas pela manifestação folclórica em questão, conforme registra novamente, Edison Carneiro,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

O interesse principal dos estudos de folclore, que era a poesia no período dominado por Sílvio Romero, mudara, com Mário de Andrade e seus colaboradores, para a música. Com a Comissão Nacional a ênfase novamente se transferiu para os folguedos populares (CARNEIRO, 1963, p. 56).

O que, para eles era mais abrangente, por trazer em uma só manifestação, poesia, música e dança, visto que os folguedos populares apresentavam sempre em sua composição, um texto a ser cantado; uma coreografia a ser executada e uma melodia advinda do uso de instrumentos musicais ou mesmo produzida pelo coro das vozes; constituindo-se, cada vez mais, em espetáculos dramatizados.

Por essa via, Renato Almeida, o iniciador e principal dinamizador do movimento aqui tratado, tematiza o carnaval carioca questionando se a escola de samba, como se constituía à época no Rio de Janeiro, era ou não folclore. Chega à conclusão de que não são fenômenos folclóricos nem um nem outro. Ao explicitar os motivos pelos quais a escola de samba não é folclore, acaba por demarcar os contornos do próprio conceito de folclore, congregando em sua definição a autoria não identificada, a aceitação coletiva, a funcionalidade imediata, a persistência, o improvisado, a transmissão oral e tradicional, o elemento consuetudinário e a inexistência de autoridade estabelecida entre o grupo praticante. Desse modo, as escolas de samba, não atendendo a essas especificidades, não podem ser consideradas, segundo ele, um fenômeno folclórico autêntico como os grupos de caboclinhos, maracatus e bumbas do carnaval do Recife, “lugar onde guarda muito do folclore brasileiro” (ALMEIDA, 1974, p. 24). O ritmo, segundo o folclorista, é o único na escola de samba que tem persistência no tempo e procura libertar-se de influências variadas que buscam deformá-lo, sendo um legítimo elemento do folclore, no entanto, questiona até quando esse ritmo resistirá à pressão das bossas novas. E acrescenta:

O que está acontecendo é que o carnaval se oficializa, é motivo de turismo, ganha em pompa e se torna espetacular, vem o estrangeiro com o bolso cheio de dólares, vem artista de cinema famosa, vêm navios de turismo. É preciso deslumbrar. O povo vai ver e admirar, mas como é que o cordão de sujo pode sentir-se à vontade para sambar e pular no meio daqueles arcos,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

daqueles enfeites, daquela decoração tão prodigiosa? Ele fica mesmo encabulado, olhando e admirando tanta boniteza... Espectador, não ator (ALMEIDA, 1974, p. 25).

A partir desta passagem podemos identificar a tendência em enquadrar os estudos folclóricos no contexto de transformação em que se encontrava não só o folclore, mas a sociedade brasileira como um todo, experimentando uma série de transformações modernizantes, sobretudo nas grandes cidades, onde o impacto da urbanização e meios de comunicação, cada vez mais difundidos, era sentido mais intensamente. O folclore visto já comportando elementos dinamizadores, assume a cada dia, aspectos variados, que muitas vezes acabam por situá-lo em outra categoria de manifestações culturais, constituindo-se, em grande parte, em cultura popular, mas não necessariamente, folclórica, segundo a conceituação proposta pelo folclorista baiano.

De outro modo, o folclorista Manuel Diégues Júnior, também figura central nesse contexto, buscando contribuir para uma definição da noção de folclore, associa o seu estudo, enquanto ciência, à idéia de região, sugerindo que aquele seja entendido a partir de sua caracterização regional:

Como ciência que se inclui entre as do homem, o Folclore se integra na região, tendo em vista os elementos que formam esta, que lhe deram as características culturais, que condicionaram o seu desenvolvimento (...). A base regional do folclore é que lhe dá os contornos mais definidos, a sua expressão como sobrevivência ou como existência ou aparecimento de motivos que se tornam populares naquela área. Pois todo fato folclórico tem sua área de existência, muito embora se encontrem variantes em outras regiões (DIÉGUES JÚNIOR, 1967, p. 259-260).

Desta visão de folclore surgem os vários tipos regionais: o vaqueiro nordestino, o tapuio amazônico, o jangadeiro cearense, o gaúcho do Rio Grande do Sul, o caipira de São Paulo, o canoeiro do São Francisco (DIÉGUES JÚNIOR, 1967, p. 259-260). O folclore entendido como um fato, isto é, como uma realidade fática, que já existe independente do pesquisador, representa uma parcela da cultura que ao mesmo tempo transforma e é transformada pelo espaço físico no qual está restrito. A região e o

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

folclore nela produzidos são dotados de características próprias que os individualizam frente aos demais, o que não quer dizer que se contraponha à visão de uma cultura nacional. As diferentes regiões, a partir desse entendimento, compõem, em termos culturais, o cenário mais amplo, que é o da nação.

Vemos assim, emergir uma leitura de cultura caracterizada como um mosaico de cores e formas diferentes e é na busca de captar e registrar essa variedade que os folcloristas em questão empreendem uma operação interpretativa que acaba por espacializar a cultura brasileira, ao ressaltar as diferenças culturais a partir das regiões geográficas, positivando-as e unindo-as sob a égide na cultura nacional. Embora sendo um periódico especializado, a RBF abre múltiplas perspectivas de análise para seu objeto de estudo, buscando, a partir da articulação dos diferentes olhares, configurar o conceito de folclore que se quer divulgar no Brasil.

Do mesmo modo, acompanhamos por meio da RBF, a constituição de um projeto de cultura para o Brasil, que prioriza a construção de uma representação cultural e identitária valorizando não todas as manifestações da cultura brasileira, mas somente os aspectos tidos como folclóricos, restritos, tanto a uma parcela da população que a produz e pratica como a uma localização espacial, a região.

SOCIABILIDADE INTELLECTUAL EM REVISTA

Independentemente do quão variado fosse o perfil dos intelectuais que orbitavam em torno da revista era necessário criar uma aura de envolvimento e de união para que com a convergência de esforços se alcançasse mais facilmente os objetivos do grupo. Nesse sentido, vemos a RBF atuar como lugar de criação de grupo e afirmação coletiva ao abrir espaço para os mais diferentes membros dessa *cidadela letrada*.ⁱⁱ E ao passo que esquadrihamos o conjunto de textos que compõe a RBF, vemos emergir uma complexa trama de sociabilidades, de onde se visualiza o entrelaçar de afetividades,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

afinidades e idéias comuns, assim como, divergências, tensões e personalismos, todos eles, aspectos constituintes da rede de sociabilidade intelectual que é a revista (SIRINELLI, 1996, p. 249).

Desse modo, foi elaborada uma série de textos tendo em vista a produção de um sentimento de pertencimento e de engajamento nos assuntos do folclore. Renato Almeida, o primeiro diretor da RBF, foi exímio na construção de discursos empolgantes. Suas mensagens aos folcloristas do Brasil, já eram uma constante, mesmo antes da revista começar a circular, Almeida já as tinha como estratégia, divulgando-as através dos congressos ou de correspondência. Inspirado pelo seu septuagésimo aniversário, Almeida compartilha as vitórias alcançadas ao longo desse trajeto com todos aqueles que participaram de uma forma ou de outra dessas conquistas, e aproveita o momento propício para arregimentar mais “energias criadoras” para o movimento, como expressa textualmente:

Ao chegar aos setenta anos de vida em grande parte consagrada ao estudo e à defesa do folclore, dirijo esta mensagem aos jovens folcloristas do Brasil, aos quais devo o estímulo dos seus aplausos, a confiança de suas afeições, a alegria de seus triunfos. Mantive convívio com muitos de vocês, em cursos ministrados nesta capital, em São Paulo, no Paraná, em Minas Gerais, em Pernambuco e no Pará; muitos outros vêm colaborando com as Comissões de Folclore, adestrando-se em trabalhos de campo (...). A vocês, meus caros colegas, muito se deve o êxito do movimento deflagrado em 1948 (...) Enderêço esta mensagem às suas inteligências, às suas sensibilidades, às suas energias criadoras. Prossigam infatigavelmente no esforço para o conhecimento, cada vez mais extenso e mais profundo, do folclore brasileiro, como expressão da psique nacional, elo de continuidade tradicional e fonte de inspiração da nossa arte (ALMEIDA, 1965, p. 225).

O discurso direto, o tom apelativo e emocionante com que Renato Almeida se dirige aos leitores, denota o modo peculiar que encontra para envolver os folcloristas e prováveis folcloristas no universo dos estudos do folclore brasileiro, sistematizado pelo grupo ao qual a revista representa. No trecho acima citado, Almeida expressa de uma só vez, vários elementos que constituíam a sociabilidade folclorista no seio do movimento. Em primeiro lugar, coloca-se como um modelo, aquele que dedicara quase toda a vida ao folclore, estudando-o e defendendo-o e que pelo trabalho desenvolvido é

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

recorrentemente solicitado e, nem por isso, deixa de atender prontamente a todos, sem distinção, seja por meio de cartas ou nos encontros ocasionados por seminários, congressos e cursos de formação em folclore. Em segundo lugar, faz questão de compartilhar com todos, os ganhos adquiridos nas lides folclóricas, agradecendo-os indiscriminadamente, pondo-os no primeiro plano em relação ao sucesso do movimento iniciado em 1948 com a Comissão Nacional. Em terceiro lugar, enfatiza a necessidade de continuarem firmes e fortes, a persistirem nos estudos e defesa desse campo de estudos; estimulando a produção de registros, interpretações, inclusive, a participação em um concurso de monografias que tematiza o folclore, através do qual, obter-se-iam premiação e reconhecimento. Tudo isso demonstra o caráter inclusivo do movimento e da sua revista.

Tão importante quanto Renato Almeida para *o movimento folclórico brasileiro* foi Edison Carneiro, que não se mostrou, entretanto, igualmente hábil em formular discursos arrebatadores de fidelidades. Carneiro não encarnava, definitivamente, o perfil de intelectual paternal, pelo contrário, estava mais afeito a debates dos quais, vez ou outra, surgia polêmicas e tensões.

Em artigo denominado *Evolução dos Estudos de Folclore no Brasil*, Edison Carneiro constrói uma genealogia dos folcloristas cujos trabalhos teriam contribuído sobremaneira para essa tradição de estudos e dissemina farpas em direção àqueles que teriam contribuído para a não-profissionalização do folclore, tratando-o de forma diletante e autodidata. Ao fazer isto, constrói uma hierarquização, demarca lugares sociais, introduz ou deixa de fora alguns estudiosos, ou mesmo cita rapidamente um ou outro quando, poderia aprofundar mais no elenco de suas contribuições. Foi justamente o que ocorreu com Luís da Câmara Cascudo. Ao ver-se ofuscado pelos empreendimentos dos “pais fundadores”, Sílvio Romero, Amadeu Amaral e Mário de Andrade, citados como autores dos maiores e mais substanciais empreendimentos para o campo do folclore no país – antes da CNFL -, Cascudo exige reparos, e para aliviar o mal-estar causado pelo seu texto, Carneiro publica no número seguinte da RBF o artigo

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Evolução dos Estudos de Folclore no Brasil - Adendo e retificação (CARNEIRO, 1963, p. 39-43).

No primeiro texto Edison Carneiro cita Cascudo em apenas uma linha dentro da fase Andradiana: “Escritor que falava a grande público, Mário de Andrade atraiu para o folclore Luís da Câmara Cascudo, que em 1941 fundava, em Natal, a Sociedade Brasileira de Folclore” (CARNEIRO, 1963, p. 77). No texto de adendo e retificação, Carneiro se justifica:

Eu gostaria, a bem da verdade, de alterar o ensaio que publiquei no número passado desta Revista, a fim de corrigir impropriedades, injustiças e omissões involuntárias. O artigo foi escrito em condições especiais, que seria fastidioso enumerar aqui, e em um prazo excessivamente curto. A sua publicação me abriu os olhos – felizmente, não tarde demais. Assim, eu pediria ao leitor incluir, entre a seção 2 e seção 3, uma seção independente, que seria a seguinte (...) (CARNEIRO, 1963, p. 39)

No corpo da correção proposta, escreve três páginas e meia, para abordar a produção do folclorista potiguar, destacando que, desde 1922, Cascudo se dedicava sistematicamente à poesia, ao conto e aos costumes do Nordeste e criara a primeira associação dedicada ao estudo das coisas populares no Brasil (CARNEIRO, 1963, p. 39). A partir desses elementos é possível ratificar a função da revista como um lugar de sociabilidade intelectual. Conforme as orientações do pensador alemão Georg Simmel, ao pensar a sociabilidade como algo que tem regras, tal qual o jogo ou a arte, que deixa de fora o que não fica bem, sendo necessário ter certo tato nos relacionamentos. Pois para Simmel, na sociabilidade,

(...) as qualidades pessoais de todo tipo decidem sobre o caráter de ser em comunidade. Mas justamente por esse motivo, porque tudo aqui se apóia nas personalidades, elas não devem ser enfatizadas de modo tão individual (SIMMEL, 1983, p. 66).

Entretanto, sabemos que a sociabilidade intelectual é composta por um conjunto de relações, que estão sempre em processo, ou seja, elas se fazem e desfazem, são e deixam de ser, podem se refazer ou não, articular-se ou não. Enquanto ação humana,

elas nunca são sólidas e estáticas, atualizam-se constantemente, fortificam-se, esgarçam-se ou se mantêm. Estão sempre em mutação, em processo. É nesse sentido processual que compreendemos as idéias e ações dos folcloristas que orbitavam em torno da RBF.

ⁱ Esse movimento, objeto de estudo do antropólogo Luís Rodolfo Vilhena, iniciou-se no final da década de 1940, partindo da Comissão Nacional de Folclore, criada no Rio de Janeiro, posteriormente sendo adicionadas comissões estaduais de folclore e em 1958, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro – instituição governamental criada no governo JK, em resposta à pressão dos folcloristas ligados a esse movimento. Entre esses intelectuais estavam figuras de destaque na arena cultural do país, sendo coordenados, principalmente nos seus primeiros anos de existência, por Renato Almeida e Edison Carneiro (VILHENA, 1997).

ⁱⁱ O crítico literário Angel Rama desenvolve a noção de *cidade letrada* para designar o espaço material, simbólico e funcional constituído e gerido pela parcela da intelectualidade, que historicamente, nas sociedades latino-americanas, organiza-se em torno do poder. Nesse sentido, consideramos a RBF uma *cidadela letrada* por ser composta por intelectuais com características semelhantes às descritas por Rama (RAMA, 1985, p. 41-53).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Renato. A escola de samba e o folclore. *RBF*, n. 38, ano 1974, p. 19-25.
- _____. Mensagem aos jovens folcloristas do Brasil. *RBF*, n. 13, 1965, p. 225-244.
- ALVARENGA, Oneyda. Música folclórica e música popular. *RBF*, n. 25, 1969, p. 219-229.
- CARNEIRO, Edison. Apresentação. *RBF*, n. 1, 1961, p. 3.
- _____. Evolução dos Estudos de Folclore no Brasil. *RBF*, n. 3, 1962, p. 47-62.
- _____. Evolução dos Estudos de Folclore no Brasil. – adendo e retificação. *RBF*, n. 4, 1963, p. 39-42.
- CHUVA, Márcia Regina Romeiro. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. Ato de Instalação da Comissão Nacional de Folclore. In: Cinquenta anos de dedicação à cultura brasileira. In: *Cinquentenário: 1947-1997*. CNFL – IBECC – UNESCO/FUNARTE/Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe, 1997.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Formação do folclore brasileiro. Origens e características culturais. *RBF*, n. 4, 1962, p. 43-57.

_____. Regiões culturais para o estudo do folclore brasileiro. *RBF*, n. 28, 1970, p. 204-214.

_____. Sugestões para uma caracterização regional do folclore brasileiro. *RBF*, n. 19, 1967, p. 259-263.

INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. *Boletim do IBECC*, n. 1, 1947.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade (Um exemplo de sociologia pura ou formal). In: *Questões fundamentais da Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 59-82.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: *Por uma história política*. Org. René Rémond. Rio de Janeiro: UFRJ: FGV, 1996, p. 231-269.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: FUNARTE: Fundação Getúlio Vargas, 1997.